CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A. Verde Class.: tremembe 07

Data: 30/11/92 Pg.: _____

Clima tenso entre índios e moradores de Itarema

Itarema, CE (AE) — É muito tenso o clima entre os remanescentes índios tremembes, que brigam pela posse de quase cinco mil hectares — eles têm posse de uma légua quadrada de terras, passada em cartório no século passado — e os moradores de Almofala, um pequeno distrito de Itarema, a 280km de Fortaleza. Na última sexta-feira, um delegado federal, acompanhado por dois delegados civis e dos procuradores da República do Ceará Oscar Costa Filho e Luciano Muniz, da Paraíba, junto com o representante da Funai para os estados do Ceará e da Paraíba, Marcos Clemente, estiveram no local tentando encontrar uma solução para o impasse. O cacique da nação tremembe, Vicente Vieira, de 62 anos, ameaçado de morte diversas vezes, fugiu para Fortaleza, onde se encontra protegido por representantes do movimento indigenista e da igreja. Os moradores de Almofala, que antes se davam bem com os tremembes, estão excitados e não querem mais vê-los "nem pintados". E já existem aqueles que estão se armando, para a eventualidade de um possível conflito. Eles temem perder suas terras, porque os procuradores da República do Ceará e da Paraíba, que estiveram na semana em Almofala, confirmaram que a reserva dos tremembes terá exatos 4.900 hectares.

ESTUDO CONTESTADO

Essa projeção, feita em cima dos levantamentos antropológicos desenvolvidos, desde 1986, pela antropóloga Jussara Gomes, do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, está sendo contestada pelos almofalenses, que se julgam enganados. A antropóloga, porém, garante que "toda a população de Almofala soube que a nossa presença aí seria para identificar e delimitar a região indígena pertencente aos tremembes". Ela informou que até o dia 15 de dezembro fará a entrega de um relatório à presidência da Funai, em Brasília, contendo a proposta de demarcação de uma área de 4.900 hectares que formarão a reserva dos tremembes. Nesse trabalho, Jussara Gomes vai mostrar — e provar — que existem mais de três mil descendentes dos índios tremembes na região, que "conservam até o presente parte da tradição, não se esquecendo de todo a

língua e movimentam o corpo com danças do tipo torem". Jussara confirmou ainda que a Funai deverá incluir na área a ser demarcada os dois mais importantes bens históricos de Almofala: a igreja de Nossa Senhora da Conceição, construída em 1702, apontado hoje como um dos mais belos templos do século XVIII, e o cemitério.

Almofala é, atualmente, um pequeno distrito de Itarema, reunindo cerca de 250 casas e cerca de 1.500 na área suburbana. Os moradores locais negam incisivamente a presença de remanescentes indígenas na área, como é o caso de Maria Rodrigues de Matos, que põe em dúvida a origem indígena do próprio cacique Vicente Vieira: "Ele não tem nada de índio, porque sua origem é da Lagoa dos Negros. Sua avó, ao que consta, nasceu em Portugal e a mãe dele era negra". Raimunda admite que "essas terras podem ter pertencido aos índios, mas eles as venderam no passado, porque não precisavam mais delas". Os almofalenses acusam ainda o cacique Vicente Vieira de ser "empresário", de possuir dois barcos de pesca e de morar numa casa de alvenaria. Através de um relatório preparado em setembro de 1989, os índios tremembes revelam que "desde 1980 estamos sendo pressionados pela empresa 'Ducoco' — uma empresa de beneficiamento de cocos de Fortaleza —, para que abandonemos as nossas terras". Em Fortaleza, o cacique Vicente Vieira, junto com outro líder tremembe, João Venâncio, não tem medo de apontar os posseiros que estão nas suas terras, promovendo ameaças de morte. Os principais são Messias Alves, Vicente Alves, Adonias Alves, Pitanga, Tarcísio Aguiar, Salustiano Aguiar e os Sales, que possuem terras na área que será demarcada pela Funai. Tanto Vieira como Venâncio tomaram conhecimento de que existem posseiros comprando armas e munições, para um eventual choque. Eles confessaram não possuir armas de fogo. A mulher de Venâncio, Lúcia, diz ter mais medo dos moradores de Almofala do que "da força do mar, que vez por outra destrói as nossas casas". A comunidade tremembe sobrevive praticamente da pesca e da venda de pequenas peças de artesanato a partir de búzios e da palha de carnaúba.